



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive."

Padre Antônio Vieira

Crítica



Iba Mendes

Bafo e Desabafo



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Bafo e Desabafo

Iba Mendes

Publicado originalmente em 2019.

Livro Digital nº 1064 - 1ª Edição - São Paulo, 2019.

Crítica/Política - Literatura Brasileira.

**Iba Nunes Mendes
(1970)**



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

BAFO E DESABAFO



Os "bafos" que aí vão, se nada dizem de novo, tem a seu favor a peculiaridade de dizer o que quer sem querer dizer o que por aí se dizem. O fato de ser a simples opinião de um ilustre desconhecido, não significa necessariamente que nada dizem. Pode não dizer tudo, mas dizem o bastante para não convencer a ninguém. E não digo isso por questão de vaidade. Absolutamente! Digo porque é dizendo que se convence... E se os brutos não declamam poemas, ao menos sabem desabafar alguma coisa... E isto basta!

É isso!

A DECADÊNCIA DA GRANDE MÍDIA

O papel da grande mídia em nossos dias está cada vez mais em plano secundário para uma boa parcela da população... Hoje é perfeitamente possível afirmar que a *Rede Globo* não elege mais presidentes. Na verdade, os grandes conglomerados de comunicação, sem exceção, não só perderam audiência como, também, cada vez mais perdem credibilidade. As redes sociais em suas diversas modalidades estão revolucionando o modo das pessoas obterem informações, bem como a maneira de transmiti-las. Se para o bem ou para o mal, o fato é que a grande imprensa, em que se incluem os grandes jornais e as grandes redes de televisão e de rádio, perderam drasticamente o seu poder de manipulação, e já não são capazes de mover ideologicamente as multidões, como fizeram muito bem em tempos passados. Não há, pois, mais "Carlos Lacerdas" ou "Samuéis Wainers" em nosso jornalismo atual. O que existem são meros opinantes, os quais se juntam e se perdem no turbilhão de vozes líquidas e abafadas, num mundo sem fronteiras e sem línguas. A ruína da revista *Veja*, sob o comando dos Civitas, é apenas o "princípio das dores" dessa mídia carcomida, que ainda não percebeu a espetacular transformação oriunda das novas mídias sociais. Acreditam ser o contraponto das chamadas "fake news", quando na verdade boa parcela do seu conteúdo pode perfeitamente ser enquadrado nesse exato critério. Não há mais "erratas" e já não é possível fazer distinção entre o fato e o boato. As notícias que despejam diariamente ao público podem ser excelentes como "pautas de discussão", todavia, repito, já não são capazes de gerar o movimento das multidões. Quem move a massa agora são o *WhatsApp*, o *Twitter*, o *Facebook*, o *Instagram* e todos os seus similares... Os Civitas, os Marinheiros e os Frias estão definitivamente mortos!

É isso!

MOVIDOS PELO ÓDIO

*"Haverá pior coisa do que
mesclar o ódio às opiniões?"*

Machado de Assis: *Elogio da Vaidade*

O ódio destilado em *bytes* nas redes sociais aos poucos vai ganhando as casas, ruas, as praças, os botecos, o ambiente de trabalho... enfim, já não fica escondido entre quatro paredes por trás de telas e teclados, sob os mais variados disfarces. Agora ele dá bofetadas, chutes, facadas e até aprendeu a atirar... A estupidez é generalizada e os bípedes virtuais quadriplicam-se no mundo real a cada disputa política. São tipos ideologicamente apaixonados, cheios de certezas, convictos de suas crenças e incapazes de qualquer diálogo. Acreditam que os grandes problemas do Brasil apenas serão resolvidos pelo candidato de sua predileção, e veem o adversário como um perigoso inimigo que precisa ser combatido sem piedade. Argumento algum, por mais lógico e racional que seja, é capaz de fazê-lo mudar de opinião. No fundo, agem como aquele religioso que sobe a ladeira de joelhos sem se importar com rusticidade do solo. O bom senso para tais pessoas fica restrito aos momentos em que se distanciam dos temas políticos e passam a discorrer sobre as coisas fúteis da vida. É só aí que viram de gente de verdade! Quando, porém, imbuídos de suas convicções ideológicas transformam-se em bestas selvagens, chegando ao ponto de comemorar a doença ou morte dos que odeiam. O ódio, aliás, que é o motor que faz mover suas existências intranquilas, é também a força motora que impulsiona suas vidas medíocres e vazias. Mostrem-lhe uma cabeça e providenciarão de imediato uma guilhotina. O ódio e a opinião são tudo de que precisam para mudar o mundo. Sim, eles podem mudar o mundo.... Se lhes disserem que são Napoleões, por favor, não dividem...

O Brasil é o Waterloo!...

É isso!

PORQUE SOU CONTRA AS COTAS RACIAIS

Negar que existe preconceito racial no Brasil, é negar o óbvio ampliado por telescópio. Sim, pois, uma simples “batida policial” já é suficiente para atestar o fato. Isto posto, elenco a seguir as minhas razões porque sou contra as chamadas “cotas raciais”, seja nas universidades, seja para concursos públicos, etc.

Em primeiro lugar, sou contra as cotas raciais porque acredito que o negro e o branco em nada diferem um do outro em suas capacidades intelectuais, e, portanto, neste sentido estão ambos em pé de igualdade para pleitear as mesmas vagas nos vestibulares ou nos concursos públicos. A questão de acesso às universidades ou empresas públicas está fundamentalmente atrelada, não à cor das pessoas, mas às condições sociais em que elas estão inseridas. O indivíduo que estudou em boas escolas, que usufruiu de tempo livre e dinheiro, que teve uma excelente estrutura familiar e social, é claro que terá mais facilidade para ascender a uma faculdade pública ou a uma empresa estatal. Portanto, a desvantagem recai exclusivamente sobre o pobre, seja este branco ou negro, seja, enfim, de qualquer outra etnia.

Em segundo lugar, sou contra as cotas raciais porque acredito que tal medida apenas perpetua entre nós o “estigma da raça”, em vez de reparar um crime histórico, como pretensamente se deseja. Pessoalmente eu não me sentiria confortável (e falo de mim) numa sala de aula sabendo que estou ali apenas porque fui beneficiado pela cor da minha pele. Ora, em vez das cotas, por que não reservar grande parte das vagas das universidades públicas para aqueles que vieram igualmente de escolas públicas e que não podem pagar uma “Harvard University”? A lógica nesse caso é simples e basilar: não paga quem não pode pagar!

Em terceiro lugar, sou contra as cotas raciais porque acredito que o crime praticado contra os negros ao longo da nossa história de maneira alguma poderá ser reparado com “esmolas governamentais”. Se se

querem pagar-lhes uma dívida histórica, que o façam com investimentos constantes na educação, com melhorias concretas nas suas condições sociais, resultando de tudo isso a sua plena cidadania e dignidade.

Em quarto lugar, sou contra as cotas raciais porque não acredito que tal critério seja de fato decisivo para dirimir os maléficos efeitos do racismo e da injustiça que se cometeu contra os negros em nossa sociedade ao longo dos tempos. O racismo, que se manifesta em mentes imbecilizadas e embrutecidas, deverá ser combatido com leis mais severas e medidas abrangentes de caráter social e educacional.

Por último, sou contra as cotas raciais porque, embora existam bons argumentos para sua manutenção, ainda assim acredito que de todo sobressaem os aspectos negativos, nos quais se mesclam a prevalência de uma ideologia racial que nos separam e o estereótipo da cor que nos inferiorizam.

É isso!

UMA ANÁLISE PSEUDOFILOSÓFICA DOS ELEITORES DE "LULA"

O que de fato motivaria uma pessoa a votar num político notoriamente corrupto e já condenado pela Justiça? Como explicar o fervor de uma imensa turba de eleitores que não mede esforço para ver o "Lula" Deputado Federal, Senador ou Presidente da República? É possível, enfim, entender a mente de tais pessoas, as razões que as fazem ignorar os escândalos os quais pairam como sombras espectrais ao redor "desse" afamado político?

Esclareço que o "Lula" de que faço menção aqui pode ser apenas uma metáfora para designar qualquer outro político em situação semelhante ao "Lula de Garanhuns", os quais podem ser da Direita, do Centro ou da Esquerda. Isso tudo é indiferente!

As razões motivadoras são diversas, mas poderia sintetizá-las todas mediante uma só palavra. Esta: CONVENIÊNCIA.

Segundo Houaiss, *conveniência* é um substantivo feminino que denota a qualidade do que é conveniente, aquilo que atende ao gosto, às necessidades, ao bem-estar de um indivíduo, algo que é útil, que simplifica uma rotina, que economiza o tempo etc.

Uma pessoa, por exemplo, que ascendeu financeiramente durante o "Governo Lula" (ou de qualquer outro político) tende fatalmente a acreditar que sua prosperidade financeira está de alguma forma atrelada aos atos administrativos do referido candidato. A mesma lógica pode ser também aplicada aos jovens que conseguiram terminar uma faculdade, ao rapaz e à moça que entraram no mercado de trabalho, ao casal que comprou um carro, à família que passou a usufruir de algum dos benefícios sociais do Governo, àqueles que de algum modo lucraram por intermédio de programas governamentais, seja pelo investimento no mercado empresarial, seja por auxílio de verbas publicitárias, seja ainda por meio de projetos culturais de caráter lucrativo etc. etc. etc. Tais conveniências estendem-se ainda para o âmbito das tendências

ideológicas: vota-se neste "Lula" porque ele é favor da causa X ou Y, porque ele é contra isso e aquilo, e por aí vai...

Desde que se obtenha alguma vantagem de ordem funcional, isto é, desde que tais "vantagens" lhes tragam alguma melhoria no viver cotidiano, a questão ética, ou seja, os valores morais predominantes na sociedade, tornam-se irrelevantes e desprovidos de qualquer sentido prático. Assim, o sucesso que se conquistou ou que eventualmente se alcançará, eleva-se a tal ponto que o escrúpulo ou o senso de pudor diluem-se numa consciência cauterizada, numa espécie de cumplicidade consentida e sem qualquer culpa. É o tipo de mentalidade mesquinha, cuja preocupação está centrada exclusivamente no mundinho pessoal ou familiar, sem qualquer responsabilidade social para com o futuro do país como um todo. Na essência, desde que se tenha as necessidades pessoais ou familiares supridas, e ainda que tais necessidades estejam restritas meramente ao campo da simples ideologia, pouco importa se tais candidatos roubam ou deixam roubar. De certa forma, portanto, tais pessoas são tão mentalmente corruptas quanto o próprio político denegrado a quem elegem.

É isso!

DIREITA E ESQUERDA: O DUELO DE QUADRÚPEDES

*"E, se uma casa se dividir contra si mesma,
tal casa não pode subsistir."*

(São Marcos 3:25)

Enquanto políticos inescrupulosos assaltam o país, roubando do povo os seus direitos e a dignidade, este mesmo povo duela entre si para ver quem tem mais razão...

Enquanto a violência se alastra por cada canto da nação, matando em cinco anos mais gente do que a guerra na Síria, hordas enormes de imbecis consumem tempo e energia defendendo políticos e ideologias os quais de algum modo apenas contribuíram para a existência de todo este caos social.

Enquanto pessoas morrem sem atendimento médico ou são jogadas nos corredores dos hospitais como se fossem bichos sem donos, bandos de alienados, embriagados em seus devaneios, brigam como cães raivosos na defesa de teorias e conceitos que mal conhecem e pelos quais envenenam suas próprias almas.

Enquanto alunos chegam ao Ensino Médio sem saber diferenciar um ponto da vírgula, e mal conhecendo o próprio alfabeto, multidões quadrupedam dia e noite por trás de seus teclados, uns na defesa da Direita "avançada", outros no resguardo da Esquerda "carcomida", e ambos se alimentando do mesmo pasto mijado de ódio e sem a clorofila do bom senso.

Enquanto o desemprego alcança proporções alarmantes, causando o infortúnio e a desgraça entre milhares de famílias, as viúvas de Marx e as noivas de Bolsonaro disputam entre si os lauréis arrancados dos burros, jumentando aos quatro ventos seus falsos saberes wikipedianos, tão profundos como um pires.

Enquanto os juros dos bancos atingem os níveis vergonhosos da agiotagem, causando o endividamento e a humilhação do trabalhador honrado, soberbos idiotas politizados perdem o sono e amigos na defesa de suas convicções "bem fundamentadas", quando deveriam lutar em comum acordo pelo bem maior da nação, seja contra a corrupção, seja contra a violência, seja contra a parcialidade das leis, seja contra a injustiça social, seja enfim, a favor de qualquer ideal que nos façam verdadeiros cidadãos, que nos tragam mais dignidade e que nos tornem senhores dos nossos próprios destinos.

É isso!

FARINHA DO MESMO SACO

Nos primórdios da República do Brasil, era comum aos jornalistas assumirem abertamente suas preferências políticas, as quais em geral não estavam centradas na ideologia partidária em si, mas principalmente na pessoa do candidato, em torno do qual se comportavam como verdadeiros parasitas, e de quem, em muitos casos, dependiam para a própria sobrevivência de suas publicações.

Com o decorrer dos anos, porém, houve um amadurecimento acentuado no que tange à equidade ideológica dos nossos homens de imprensa, os quais passaram a opinar com certa independência, muito embora o contumaz comprometimento partidário dos seus patrões, algo que notadamente ainda hoje se faz presente em todos os periódicos do país, com exceção de alguns poucos que relutam em disfarçar suas predileções. É escancarada, por exemplo, a opção do jornal o *Estado de S. Paulo* pelos candidatos do chamado "Centrão". A revista *Veja*, que até recentemente defendia as pautas da Direita, após sair das mãos dos Civitas, enveredou-se apaixonadamente pela Esquerda. No que se refere à *Folha de S. Paulo*, não obstante historicamente sempre estivesse na ala direitista, de uns tempos para cá, principalmente durante os governos petistas, andou assim a perambular pelas beiradas da Esquerda, o que se pode explicar pelas exorbitantes verbas propagandistas oriundas da estrutura governamental durante o governo Lula. Na verdade, não parece exagero afirmar que a "balança editorial" de praticamente toda a Imprensa brasileira pende segundo os investimentos de seus patrocinadores, dentre os quais se destaca com soberbia o Governo. Ademais, não é interessante aos grandes veículos de comunicação se alinharem politicamente e todo tempo a uma só vertente partidária. Sim, pois, o dinheirinho do opulento assinante "bolsominions" é tão imprescindível quanto aquele que sai do bolso do miserável "petralha". Nisto se explica um Reinaldo Azevedo escrevendo para a *Folha* e um Leandro Karnal opinando no *Estadão*... Neste aspecto e pela mesma lógica do vil metal, Frias, Mesquitas, Civitas, Marinhos, Minos e

Macedos são peças do mesmo tabuleiro e farinha do mesmo saco... Neste aspecto bebem eles no mesmo copo e escarram nas mesmas bocas.

É isso!

O FASCISMO E O PAI DOS BURROS

O termo *fascista* transformou-se de uns tempos para cá numa verdadeira muleta linguística, na qual muitos se apoiam para atacar seus adversários, seja no âmbito da política, seja por mera desavença ideológica. Simplificando: é "fascista" todo aquele que pensa diversamente a mim, que não partilha dos meus ideais, que não segue a minha cartilha política, e por aí vai... O acadêmico Leandro Karnal, por exemplo, numa de suas palestras denominou de "fascistas" todos os leitores da revista *Veja*, obviamente pela vertente conservadora do periódico naquele dado instante. Por sua vez, o jornalista Reinaldo Azevedo, rotulou igualmente de "fascistas" todos os admiradores do Deputado Jair Bolsonaro, claramente pela postura ultraconservadora do referido político...

Em qualquer discussão banal, especialmente na Internet, o adjetivo "fascista" torna-se assim imprescindível, caracterizando a própria insensatez dos que dele fazem uso. Poucas dessas pessoas conhecem de fato a origem do termo, seu sentido histórico, seus aspectos ideológicos, conforme o seus respectivos contextos histórico e político. Um simples dicionário de Língua Portuguesa, porém, já é suficiente para lançar ao ridículo toda essa panaceia vocabular. Segundo *Houaiss*, **Fascismo** é um movimento político e filosófico ou regime (como o estabelecido por Benito Mussolini na Itália, em 1922), que faz prevalecer os conceitos de nação e raça sobre os valores individuais e que é representado por um governo autocrático, centralizado na figura de um ditador.

Indo um pouco além da definição meramente lexical, Robert O. Paxton, em seu livro "A Anatomia do Fascismo", publicado pela Editora Paz e Terra, elenca uma pequena lista de itens que caracterizavam as práticas fascistas. Ei-la:

1 — Um senso de crise catastrófica, além do alcance das soluções tradicionais;

2 — A primazia do grupo, perante o qual todos têm deveres superiores a qualquer direito, sejam eles individuais ou universais, e a subordinação do indivíduo a esses deveres;

3 — A crença de que o próprio grupo é vítima, sentimento esse que justifica qualquer ação, sem limites jurídicos ou morais, contra seus inimigos, tanto internos quanto externos;

4 — O pavor à decadência do grupo sob a influência corrosiva do liberalismo individualista, dos conflitos de classe e das influências estrangeiras;

5 — A necessidade de uma integração mais estreita no interior de uma comunidade mais pura, por consentimento, se possível, pela violência excludente, se necessário;

6 — A necessidade da autoridade de chefes naturais (sempre de sexo masculino), culminando num comandante nacional, o único capaz de encarnar o destino histórico do grupo;

7 — A superioridade dos instintos do líder sobre a razão abstrata e universal;

8 — A beleza da violência e a eficácia da vontade, sempre que voltadas para o êxito do grupo;

9 — O direito do povo eleito de dominar os demais, sem restrições provenientes de qualquer tipo de lei humana ou divina, o direito sendo decidido por meio do critério único das proezas do grupo no interior de uma luta darwiniana.

O modo, portanto, como o termo é utilizado hoje em dia, especificamente aqui no Brasil, descaracterizou sua significação original, equivalendo a qualquer palavra de natureza pejorativa, como por exemplo: *cornos, veado, vadia, canalha, imbecil, ignorante, puta, coxinha,*

petralha etc. Como bem escreveu o genial Nelson Rodrigues: cada época tem suas palavras encantadas. No tempo de Dumas velho, era "cáspite". Ninguém sabe, até hoje, o que se esconde por trás de "cáspite". Em nossos dias temos o famigerado "fascista", embora poucos dos que dele fazem uso mal sabem o significado de "o pai dos burros".

É isso!

VITRINES SEXUAIS

Dentre os inúmeros modismos que surgiram nestes últimos tempos, um deles recai sobre a sexualidade alheia, ou mais especificamente sobre a opção sexual de determinada pessoa. Rotineiramente chegam ao público notícias de celebridades que, de um dia para o outro, decidem alardear ao mundo sua preferência sexual entre quatro paredes. Com outras palavras: resolvem "sair do armário".

Tais anúncios geralmente vêm acompanhados de desabafos solenes que se mesclam com sentimentos de heroísmo e orgulho. "Sou uma lésbica poderosa, falo isso com muito orgulho e tranquilidade", afirmou a cantora Daniela Mercury... "Eu tenho orgulho de dizer que sou homossexual e sou abençoado por ser quem eu sou", escreveu o ex-Menudo Ricky Martin...

A atitude, ao que parece, objetiva a "libertação" de um sentimento opressivo, o qual desgasta e faz sofrer. Serviria assim como uma espécie de "autoterapia", em que se busca amenizar os efeitos corrosivos do preconceito social de uma maioria que insiste em tratar a homossexualidade como uma doença repulsiva.

Se por um lado tal comportamento parece louvável e até legitimado, por outro revela-se absolutamente imaturo e desnecessário. E a razão é simples: o que adultos livres fazem entre si, em particular, é problema deles. Não necessita ser justificado — nem deve ser condenado...

A par disto, não me interessa saber se o meu cantor preferido (ator, escritor, artista etc.) faz sexo anal ou oral, se pratica sadomasoquismo ou poliamor, se já leu o "Kama Sutra" ou "Cinquenta tons de cinza", se frequenta Sex Shop ou clubes de swing, se tem fetiche por pés ou por barbas, se é dado à coprofagia ou à corpopraxia, se prefere "frango assado" ou "anjo esquartejado", se faz "de ladinho" ou "em pé", se é gay, lésbica ou simpatizante etc. O que de fato me interessa é se ele representa bem o seu papel: seja cantando, seja representando, seja

escrevendo... Não preciso saber de suas preferências sexuais, não faço a menor questão de conhecer sua intimidade entre quatro paredes, de conhecer suas bizarrices e de suas loucuras na cama. De resto sobra apenas a vaidade de quem se expõe e o ridículo de quem se importa com isso.

É isso!

ALIENAÇÃO CIDADÃ

70% de cidadãos votam do mesmo modo que respiram: sem saber por que nem o quê. Votam como vão à festa da Penha — por divertimento. A Constituição é para eles uma coisa inteiramente desconhecida. Estão prontos para tudo: uma revolução ou um golpe de Estado.

Machado de Assis,
Crônica de 15/08/1876.

Cento e quarenta anos se passaram desde a crônica de Machado de Assis, e ao que se pode constatar a coisa se inverteu para pior. Hoje é possível afirmar que 70% de cidadãos sabem exatamente porque votam, e aí reside o terrível drama. Votam por questão de consciência, para mudar o Brasil, para tornar mais justa a condição social da nação, para melhorar a segurança, a saúde e a educação etc... Muitos são capazes de citar parágrafos inteiros da Constituição, e até mesmo cospem cidadania pelas redes sociais. Acreditam piamente que a situação do país pode ser transformada através do voto. Nas páginas dos jornais, cientistas políticos enfatizam a importância do sufrágio universal. Na televisão e na Internet as propagandas buscam estimular o cidadão a votar consciente e com responsabilidade: “Voto não tem preço, tem consequência”. / “Seu voto, nosso futuro”. / “Nesta máquina você pode escolher o seu destino”. / “Seu voto pode mudar a história” etc. Enquanto isso os políticos tiram ouro do nariz e riem até cuspir o fígado de toda essa estúpida cidadania.

Desde 1989 que o povo escolhe o presidente da República por meio do voto direto. São cerca de 30 anos de pleno exercício da cidadania: 1989, 1994, 1998, 2002, 2006, 2010, 2014, 2018... Quais foram, enfim, os resultados de tantos votos conscientes ao longo de todas essas décadas? O que exatamente mudou no Brasil em todo esse tempo? Houve redução da violência? Tivemos melhorias na saúde? A nossa educação atingiu o nível da dignidade? A corrupção foi minimamente controlada?

A resposta é um escandaloso NÃO!

Então por que, afinal, insistimos nesta mesma tolice de que o voto pode mudar alguma coisa neste país? O que realmente move uma pessoa com certo nível de consciência da realidade a se perseverar em tamanha fraude? O que de fato leva alguém a se sentir realizado votando numa instituição política concebida por políticos em benefício exclusivo da própria política? Como é possível que um cidadão íntegro e moralmente consciente não se sinta envergonhado em contribuir para a manutenção de um sistema tão propenso à corrupção como este vigente atualmente no Brasil?

Bem. Em partes isso pode ser explicado pelo simples viés da esperança, pela vontade de ver a nação transformada, pelo desejo de viver num país socialmente mais justo, pela expectativa de que o candidato honesto faça a diferença etc. A realidade, porém, é que fomos histórica e inconscientemente manipulados. Contaram uma mentira para nós, repetiram-na tão exaustivamente e com tão virtuosos enfeites que até achamos um absurdo duvidar do poder do voto.

Isso é simplesmente tudo o que eles querem!

Sim, pois, os nossos votos é o que mantêm suas boas vidas; é o que assegura o estudo do filho na Europa ou a viagem da amante aos Estados Unidos; é o que lhes dão sítios em Atibaia, tríplices em Guarujá e confortáveis viagens em jatinhos executivos, helicópteros, monomotores e ultraleves; é o que os fazem usufruir de uma aposentadoria precoce e de tantos outros privilégios, tais como nomeações de amigos, imunidade parlamentar, verbas de gabinete, cotas para serviços diversos, auxílio-moradia, carga horária reduzida, carros de luxo, hotéis e restaurantes 5 estrelas; é, enfim, com os nossos votos que eles se perpetuam no poder como hidras genealógicas, sem Hércules que as destruam.

Mas, o que afinal se pode fazer para tentar mudar esta caótica realidade?

É preciso ressaltar, porém, que o problema não reside na política em si, mas na forma como ela se efetua aqui no Brasil. Com leis tão brandas para os políticos, com uma organização partidária parasita e com um sistema eleitoral autoritário, não se pode vislumbrar luz no fim do túnel. O voto nulo é, portanto, o passo inicial para fazer despertar na classe política algum interesse por mudanças. Ele nos servirá como uma forma de boicote a este sistema podre e devasso, que se mostrou ao longo dos anos num porto seguro dos corruptos.

É isso!

O CRENTE ARIANO E O ATEU CAETANO

“É a responsabilidade moral do homem que implica a impossibilidade de Deus”, escreveu Caetano Veloso num artigo publicado no jornal Folha de São Paulo de 22 de novembro de 1999. Com o título “Dostoiévski, Ariano e a pernambucália”, o cantor e compositor baiano tentava refutar um texto do escritor pernambucano Ariano Suassuna, intitulado “Dostoiévski e o mal”, publicado pelo referido periódico, no dia 28 de setembro do mesmo ano. Tomando por base uma frase da personagem Ivan Karamazov, de Dostoiévski (“Se Deus não existe, tudo é permitido”), o autor de o “Auto da Compadecida” chegou a seguinte conclusão: “Vejo que nem tudo é permitido, então Deus existe”. Para Ariano, o lema tropicalista “É proibido proibir”, usado pelo compositor baiano numa canção de 1968, fundamentava-se numa ética libertária do prazer. Segundo o raciocínio do saudoso escritor, se alguém, imbuído de tal motivação, saísse por aí matando travestis e homossexuais, poderia, pela lógica do “É proibido proibir”, justificar seu ato como um simples exercício de prazer.

Pois bem. No seu artigo, Caetano Veloso, sob o “amparo” de Sartre, ateu convicto, demonstrou o seu também ateísmo com a seguinte assertiva: “Então Deus existe porque Ariano vê que nem tudo é permitido? Que diabo de lógica é essa? É a mesma que deixar à vontade para tomar como universal a certeza de que toda moral deduz-se da ideia de um Deus único e absoluto. Isso simplesmente é uma agressão à história e à razão. Antes do surgimento do Deus de Moisés e de Abraão, o homem já desenvolvera normas morais. E, quanto ao ato de matar homossexuais simplesmente por serem homossexuais, no Ocidente não se poderia sequer imaginar tal coisa antes que Roma adotasse o Deus único dos cristãos”. Num outro trecho de seu artigo, o mesmo compositor escreveu: “Em primeiro lugar, eu posso dizer que sou ateu”.

Pessoalmente considero as discussões sobre a existência ou não existência de Deus como coisa inútil e desnecessária. Sim, pois, se Deus não pode ser provado em tubos de ensaio, a sua inexistência também

não pode ser testada in vitro. Seja qual for a tese a ser defendida, nunca se há de chegar a uma conclusão razoável. Ora, qual a necessidade do crente provar Deus se a fé, como diz a Bíblia, "é a certeza das coisas que se não veem"? Qual a lógica mais razoável, afinal: provar Deus pelo método científico ou deixar que ele mesmo se faça provar? Por que essa imperiosa necessidade de se prová-lo, supondo que ninguém lhe tenha perguntado se deseja ser "provado"? Por que não estabelecer a fé como único parâmetro para se chegar a ele? Quanto ao ateu, por que todo esse vão esforço em querer provar a não existência do que não existe? Onde fica a lógica, afinal? Por que não deixar, enfim, que o fluir do tempo o conduza ao mar do esquecimento?

Para finalizar, deixo aqui para reflexão um texto do agnóstico Stephen Jay Gould, extraído do seu livro "Pilares do Tempo: ciência e religião na plenitude da vida":

"Não vejo como a ciência e a religião podem ser unificadas, ou mesmo sintetizadas, sob qualquer esquema comum de explicação ou análise; mas tampouco entendo por que as duas experiências devem ser conflitantes. A ciência tenta documentar o caráter factual do mundo natural, desenvolvendo teorias que coordenem e expliquem esses fatos. A religião, por sua vez, opera na esfera igualmente importante, mas completamente diferente, dos desígnios, significados e valores humanos — assuntos que a esfera factual da ciência pode até esclarecer, mas nunca solucionar. De modo semelhante, enquanto os cientistas devem agir segundo princípios éticos, alguns específicos à sua profissão, a validade desses princípios nunca pode ser deduzida das descobertas factuais da ciência".

É isso!

EM NOME DE DEUS...

Em seu belíssimo conto “A morte da porta-estandarte”, Aníbal Machado narra um episódio banal do velho Carnaval do Rio de Janeiro: um crime passional movido pelo ciúme. Banal é o acontecimento, não a maneira de o contar, que é a de quem conhece intimamente a alma humana.

A narrativa gira em torno do assassinato da porta-estandarte (moça que leva o estandarte da escola de samba durante o desfile), uma mulata chamada Maria Rosa. O assassino, o namorado, é um negro sem nome, o qual parece sugerir a figura do homem comum, que de um momento para outro se deixa dominar por uma fúria avassaladora e sem explicação, indo parar nas páginas dos jornais.

A certa altura alguém grita: – Mataram uma moça!

A notícia, que viera da esquina da Rua Santana, circulou depois em torno da Escolha Benjamin Constant, corria agora por todos os lados alarmando as mães.

– Mataram uma moça! – comentava-se dentro dos bares. – Mataram, sim, mataram uma moça!...

– Que maldade matarem uma moça assim, num dia de alegria! Será possível?...

– Mas mataram, sim senhora, garanto que mataram!...

– Como é o tipo dela? O senhor viu?

– Me disseram que é morena, de uns dezenove anos, por aí...

– Morena? Dezenove anos!... Ai, meu Deus! é capaz de ser a minha filha!... Diga depressa como é o tipo do rosto dela...

O nome da vítima até então era desconhecido, daí o desespero e a

ansiedade das mães, cujas filhas também se divertiam pelas ruas da cidade.

As mães todas se levantam e saem a campear as filhas. O clamor de umas vai despertando as outras. Cada qual tem uma filha que pode ser a assassinada. Rompem a multidão, varam os cordões, gritam por elas. Os noivos são ferozes, os namorados prometem sempre matá-las.

Ao dar-se pelo cadáver da moça, uma das mães solta um grito de alegria:

– Ah, eu pensava que fosse a Raimunda! Graças a Deus que não foi com minha filha! Escapaste Raimunda!

A sensação de alívio desta mãe ao descobrir que a assassinada não era a própria filha, longe de ser mera peça de ficção, é a expressão real de um sentimento que frequentemente se passa no coração humano quando diante da tragédia alheia.

Entre nós a frase “Graças a Deus que não foi com minha filha!” tem seus muitos equivalentes, e pode ser substituída por outras tais como: *Graças a Deus eu não estava naquele avião!*, *Graças a Deus eu não moro naquele país!*, *Graças a Deus eu não fumo e por isso não morrerei de câncer de pulmão!* Etc. etc. etc. Alguns ousam muito mais e até agradecem contritamente a Deus por não ser cego como Fulano ou por não ter nascido aleijado como Sicrano. Um ônibus com 21 pessoas sofre um terrível acidente. Dentre as vítimas apenas uma sobrevive. Não demora muito e logo aparece alguém com a explicação: "Foi um milagre de Deus!" A doença do outro é o que justifica a minha saúde; a tragédia na casa do vizinho é a prova de que na minha reina a proteção divina. Em tudo isso, "Deus" torna-se apenas um pretexto para dissimular o próprio egoísmo e a vaidade que se carrega dentro de si. Mas a coisa não cessa por aí.... Há aqueles que vão mais além e, no alto de sua soberba espiritual, atribui o mal do outro à falta de fé ou a descrença em Deus. Tempos passados o ator Edson Celulari anunciou que estava com uma espécie de câncer. Não tardou e logo apareceram alguns para dizerem que a terrível

doença do artista era o resultado de um castigo por ter ele “zombado” de Deus no papel que fizera na minissérie “Decadência”, transmitida pela Rede Globo em 1995.

A existência dessas pessoas é a prova da inexistência do próprio "deus" em que acreditam. Criam para si deuses conforme suas próprias conveniências. Ora o deus de vingança que condena o colega blasfemador, ora o deus da misericórdia que o livra de um acidente. Se é o descrente que fica doente, é porque ele pecou contra deus; se porventura é o crente que cai de cama, é porque deus está provando sua fé. No fim de tudo, sempre acham um jeito de enfiar o nome de deus em algum lugar, seja para legitimar o mal que atingem os outros, seja para se regozijar com o bem que alcança, seja ainda para justificar as agruras de que são acometidos e das quais não podem se livrar com orações e jejuns. Uma simples dor de cabeça que se cura com uma *Doril*, transforma-se para tais pessoas num verdadeiro milagre de deus. Um terremoto no Japão é um sinal de deus para os fins dos tempos. “Deus” é a panaceia de que fazem uso para ostentar sua própria vaidade. É o "tudo" que preenche os seus "nadas".

É isso!

O RISCO DA ARTE ENGAJADA

Às vésperas do *Impeachment* de Dilma Rousseff, alguns artistas e intelectuais brasileiros lançaram uma carta de apoio a ex-presidente. O texto subscrito por nomes como Vagner Moura, Caetano Veloso, Chico Buarque, Camila Pitanga, Marieta Severo, entre outros, era a repetição do que já se vinha dizendo desde o início do processo político e nada acrescentava à nova realidade que despontava no país.

Não vou discutir o mérito ou o demérito do tal documento. A minha ênfase recai num ponto que considero de grande relevância para uma boa discussão, que é o engajamento de artistas e intelectuais a causas políticas. Quanto a isso, pouco me importa se vão para a Direita, se perambulam pela Esquerda ou se permanecem estacionados no Centro. Ao fim de tudo, o resultado é um só: o descrédito do artista e o desprestígio de sua arte.

A razão é simples.

Ao alistar-se ideologicamente a uma causa política, o artista limita sua arte a um determinado público, o que implica em perder a simpatia (ou respeito) da outra parcela da coletividade, algo incongruente com a essência da própria arte, que não possui cor ideológica, nem se limita a um só pensamento. Ademais, um compromisso assumido com um político pode acarretar danos morais irreparáveis a este mesmo artista, caso se venha provar futuramente que o agente público se tinha metido em falcatruas. É um risco que o bom senso não deveria assumir na mais otimista das hipóteses.

A arte engajada politicamente é uma arte limitada no tempo e na história. Um exemplo emblemático recai na pessoa do músico alemão Richard Wagner, que abraçou ideologicamente a causa antissemita. Em seu livro “O Judaísmo na Música”, escreveu: “O judaísmo é a consciência diabólica de nossa moderna civilização.” Passados séculos a imagem do artista permanece associada aos ideais nazistas, sendo sua

obra denominada por muitos como a “trilha sonora do holocausto”. No Brasil temos o exemplo do cantor e compositor Chico Buarque, um dos maiores artistas do país, cuja imagem segue atrelada ao regime cubano e toda a horda esquerdista que ainda se mantêm no poder na América Latina. Outro exemplo, embora de menor vulto, diz respeito ao roqueiro Lobão, que também se alistou, porém, pelos ideais da Direita brasileira, metamorfoseando-se ao gosto do tempo. Ao se alinharem politicamente, tais artistas não apenas comprometeram sua imagem, como, outrossim, perderão público e dinheiro. O preço maior, porém, será cobrado pela história, que não perdoará suas biografias.

É isso!

ENTRE VAIAS E LAMENTOS

*No Maracanã, vaia-se até minuto de silêncio e,
se quiserem acreditar, vaia-se até mulher nua.*

Nelson Rodrigues

Discorrendo acerca do comportamento da torcida brasileira numa determinada competição olímpica, o jornalista Reinaldo Azevedo, em sua típica bipolaridade, escreveu: "...é evidente que a barbárie da torcida brasileira não pode ser admitida como coisa normal."

O outrora jornalista da *Veja* não foi, porém, o único a tecer críticas às vaias dos nossos torcedores. Uma boa parcela dos colunistas de jornais e comentaristas da televisão também seguiu por este mesmo atalho. Em geral, a censura aos nossos torcedores dá-se em termos puramente comparativos. Enquanto aqui grassa a barbárie e a violência, na Europa reina a civilização e o respeito. É a velha e subalterna mentalidade de colonizado, ou como bem denominou o nosso Nelson Rodrigues: o "Complexo de vira-lata"

Ao depreciar a atitude dos torcedores do Brasil, tais pessoas deixam de lado um componente básico entre os povos: a Cultura. Cada país tem seus próprios valores e sua própria tradição, em se que incluem as manifestações de alegria e tristeza. Em Gana (África), por exemplo, se gasta mais com um funeral do que com um casamento, tamanha é a extravagância de suas festas. Entre nós, ao contrário, paga-se até carpideiras.

As vaias são, pois, uma característica peculiar à nossa veia cultural. Rotulá-la pejorativamente é ignorar toda uma tradição; é menosprezar a nossa própria história. É como dizer que os chineses são mal educados porque arrotam em público depois que comem.

"Cada qual no seu quadrado", já dizia o jargão popular. De resto, é pura choradeira de quem nasceu Zé e quer virar John!

LINGUÍSTICA DE PINEL

Tempos atrás quando a praga do “politicamente correto” se introduzia em nosso cotidiano como uma necessidade imperativa, publicou-se nos Estados Unidos uma nova versão da Bíblia na qual foram suprimidos alguns termos considerados “impróprios” segundos os engomadinhos da nova vertente sociológica. Extraiu-se, por exemplo, a palavra “escuridão”, substituindo-a por “noite”, pois segundo os seus organizadores, o sentido “pejorativo” da palavra “escuridão” poderia ser associado a pessoas de pele negra. Nesta mesma versão, *Deus* não é chamado *Pai*, e sim *Pai-Mãe*, por causa do suposto sentido autoritário e machista do termo *Pai*.

De lá para cá a coisa descambou para uma espécie de Estado polialesco da linguagem, culminando no que denomino de “linguística de pinel”, como no caso do Colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, onde professores encarnados na figura de Simão Bacamarte, transformaram a instituição numa espécie de “Casa Verde” adotando o termo “alunxs” para se referir a estudantes sem definir o gênero. Agora, em nome da “alteridade de gênero”, não se deve falar ou escrever *médico*, *enfermeiro*, *advogado*, entre outros. Para não ferir suscetibilidades alheias, devemos fazer uso dos neutros: “*médicx*”, “*enfermeirx*” e “*advogadx*”.

A “Nova Lunática de Língua Portuguesa” transformou toda uma tradição linguística em simples rótulo de “preconceito”. Doravante *viciado é dependente químico*, *negro é afrodescendente*, *veado ou bicha é homossexual*, *anão é pessoa com nanismo*, *cego é deficiente visual*, e por aí vai. Pega mal chamar o *bêbado* de *bêbado*, o *gordo* de *gordo*, o *feio* de *feio*... A novilíngua dos educadinhos chiques e perfumados trouxe a lume “fobias” para todos os gostos e ocasiões. Agora temos: *gordofobia* (preconceito contra o gordo), *ateufobia* (preconceito contra o ateu), *islamofobia* (preconceito contra o muçulmano), *crisofobia* (preconceito contra o cristão) etc.

Mas a pecha do politicamente correto não se restringe exclusivamente ao âmbito da linguagem. A coisa chegou a tal ponto que um simples espirro no andar de cima pode culminar em processo por danos morais no andar de baixo. Tudo é preconceito; tudo é racismo; tudo é *bullying*; tudo é ofensa. Aos poucos a liberdade criativa vai cedendo ao medo do pejorativo rótulo de “preconceituoso”, afetando inclusive nossa maneira de fazer humor. Hoje as divertidas brincadeiras de Didi e Mussum seriam naturalmente enquadradas de racistas. Nada escapa ao crivo dos novos censores da linguagem e do comportamento. Anos atrás até o nosso Monteiro Lobato fora levado ao “Tribunal”, acusado de racismo contra a tia Anastácia. Nossos tradicionais heróis dos quadrinhos também já cederam. Recentemente resolveram “tirar do armário” o forte e destemido Lanterna Verde, o qual assumiu publicamente sua homoafetividade. O mimadinhos aplaudiram de pé. A ala feminina, por sua vez, pressiona a *Disney* para que transforme a bela Elsa (de *Frozen*) na primeira princesa lésbica. O importante é que todos fiquem felizes e que não haja discrepâncias entre os gêneros. Tudo em nome da diversidade!!!

Dias atrás criticou-se duramente as vaias dos brasileiros durante os jogos olímpicos. Alguns falaram em falta de educação e ausência de espírito esportivo. Houve quem nos comparassem com o “civilizado” europeu, concluindo daí que somos um povo inculto e bárbaro. Querem até censurar nossa alegria e restringir nossa maneira de nos divertir. Nesse ritmo acelerado de estupidez, não vai demorar muito e logo vão querer dar voz de prisão ao pugilista que nocauteou o adversário na rinha de boxe.

É claro que existe preconceito, e que o racismo ainda é uma triste realidade aqui e no mundo. Todavia, não é possível aceitar que em nome de uma tal “diversidade” se transforme uma reflexão em censura e uma piada em crime. A regra da boa convivência é não querer para os outros o que não se deseja para si mesmo. O resto é linguística de pinel, é o império do manicômio.

É isso!

À SOMBRA DA MEDIOCRIDADE

O jornal o *Estado de S. Paulo* divulgou instantes tempos atrás uma lista com os 10 livros mais vendidos no Brasil, de janeiro até julho de 2016. Dentre outras conclusões que pude extrair do resultado da pesquisa, três delas pululam ante meus olhos estupefatos:

1ª – Que estamos vivendo à sombra da mais absoluta mediocridade.

2ª – Que desconhecemos o rico legado literário de Língua Portuguesa e dos grandes clássicos da Literatura Universal.

3ª – Que caminhamos passivamente para a vulgaridade intelectual.

Embora a pesquisa em si não reflita a realidade do país em sua completude, com seus milhões de habitantes, de algum modo ela aponta para uma tendência cada vez mais presente nos últimos tempos, que é o gosto por leituras superficiais, as quais pouco exigem de um cérebro em perfeito funcionamento e com todos os neurônios.

Obviamente que ninguém é compelido a gostar de Machado de Assis, de Eça de Queiróz, de Johann Wolfgang von Goethe, de William Shakespeare etc. Todavia, a presença de apenas UM clássico entre os "10 MAIS" (e ainda assim por ele "estar na moda") escancara a banalidade dos nossos diálogos, os quais se mostram tão profundos quanto um pires. Mesmo se levarmos em conta o simples gosto infantil, ainda assim a coisa segue pelo mesmo atalho da trivialidade. É claro que se pode discutir a questão do "gosto", que cada um teu seu etc. É preciso lembrar, porém, que a leitura é para a mente o que o exercício é para o corpo. Como já dizia Monteiro Lobato: "Quem mal ler, mal ouve, mal fala e mal ver".

É isso!

GERAÇÃO HAMSTER"

Dentre os inúmeros transtornos psicológicos que floresceram nesses novos tempos, um deles foi denominado de *vigorexia* (também chamado de *Síndrome de Adônis*). Segundo definição do *Michaelis*, trata-se de um distúrbio de percepção da imagem corporal que leva algumas pessoas, geralmente as do sexo masculino, à prática exagerada da atividade fisiculturista. Dos muitos sintomas relacionados à nova doença, destacam-se: a depressão, o sentimento de inferioridade e a restrição alimentar obsessiva (*anorexia*).

Geralmente a saúde é o grande pretexto para muitos dos frequentadores de academias. A realidade, porém, tem mostrado que a motivação primária reside no ideal de um "corpo perfeito" (*fitness*) ou ao menos na tentativa de se aproximar do referencial estético projetado pela indústria da moda e alardeado pela mídia em geral. A nova doença, portanto, insere-se num contexto histórico de tempos líquidos marcados por incertezas e incógnitas absolutas, em que o corpo (o físico) é muito mais superestimado que a mente (as ideias). O resultado de tudo isso é a explosão de um certo tipo de imbecilidade narcisista que transforma o ser humano em meros bíceps e nádegas andantes, o que se pode constatar facilmente no universo das redes sociais. É claro que não se pode generalizar. Trato aqui apenas dessa aberração moderna que se apresenta como sinônimo de "boa forma", quando na verdade é tão somente a explicitação de uma espécie de carência mórbida, cujo pano de fundo é a vontade desesperada por atenção. É como se dissessem: "Ei, mundo!... estou aqui!... olhem pra mim!... eu existo!... curtam minha página!..." etc.

Eis aí a "geração hamster", cuja principal característica é um tipo de adestramento baseado num estilo de vida repetitivo e no reflexo do espelho. Uma geração que busca a felicidade em "gaiolas" e que se deixa consumir numa busca inútil pelo fútil. No fim de tudo, porém, restará apenas a consciência, que é o que nos tornam verdadeiramente belos.

A ESQUERDA ANTES DE LULA

O governo Lula assinalou o fim do encanto da esquerda brasileira.

Ser da Esquerda antes de Lula era estar ao lado de uma sociedade mais igualitária e mais justa do ponto de vista social; era ser intelectualmente superior e culturalmente requintado. Daí a quase total adesão dos intelectuais aos ideais ditos "socialistas". Era como se fosse uma simples questão de lógica. Apenas um retrógrado de mentalidade servil se enveredaria por outro caminho ideológico.

Ser da Esquerda antes de Lula era acreditar na liberdade e no sonho de um Brasil melhor; era o imperativo da lucidez e do bom senso. Havia a expectativa de transformações profundas no país, com menos opressão ao pobre e menos exploração aos trabalhadores em geral.

Ser da Esquerda antes de Lula era defender ideais de justiça e lutar em prol do respeito à dignidade humana; era advogar no interesse das minorias e dos menos privilegiados socialmente. Grandes intelectuais, incluindo aí escritores, poetas, cantores, atores e professores universitários, engajaram-se na defesa da coletivização dos meios de produção e de distribuição etc.

Ser da Esquerda antes do Lula era presumir grandes mudanças na forma de fazer política e no modo de se gastar o dinheiro público; era ter esperança no futuro e ficar à espera do novo em todos os âmbitos da sociedade. O socialismo era, pois, uma espécie de axioma ou premissa cuja fundamentação era a "verdade absoluta" e para a qual não podia haver nenhuma contestação.

Aí veio o Lula e com ele a decepção, a revolta, o sentimento de tristeza generalizado, a frustração e a sensação de pleno abandono. O Lula deixou viúva toda essa geração. Agora lhes restam o vazio da incerteza, a angústia da desilusão, o suicídio ideológico, a revolta do nada. Em síntese: o desencanto.

Alguns ainda resistem; outros se converteram à Direita e passaram a militar por ela; e há aqueles que simplesmente ficaram ambidestros, atuando em ambos os lados.

Pessoalmente optei pelo ceticismo político. Vejo a Esquerda e a Direita brasileira como da mesma matéria fecal. Afasto-me para não me acostumar com sua fedentina. Em calão ainda mais baixo: essa merda não cheiro mais!

É isso!

O INFERNO NO IMAGINÁRIO PENTECOSTAL

Quais as motivações primárias que leva uma pessoa a se refugiar numa denominação religiosa e a se tornar seu ardoroso defensor, especialmente no âmbito das igrejas pentecostais?

Muitas delas poderiam ser citadas: amor a Deus, desapego aos bens materiais, carência espiritual, busca por milagres, necessidade de perdão, insegurança em relação à morte e esta, que considero a mais preponderante entre todas: o medo de ir para o inferno. Exclua-se o inferno dos livros, elimine-o dos sermões, e o resultado será templos quase vazios!

A palavra inferno vem do latim *infernus*, que significa lugar profundo. Tal termo tem origem no hebraico *sheol*, ao pé da letra: *abismo, sepulcro, tumba*, designando as profundezas da terra. Na *Septuaginta* (versão grega do Antigo Testamento) o termo *sheol* foi traduzido por *hades*, que quer dizer: *invisível, tenebroso* (alguns traduzem por *terrível, cruel, violento*). Na mitologia grega, *Hades* era considerado o rei dos infernos, o qual habitava as regiões situadas nas profundezas da terra, para onde iam os mortos; é também o nome do próprio inferno: a “mansão dos mortos” (*Tártaro* ou *Érebo*). Outra palavra usada no *Novo Testamento* para designar o inferno, é *geena*. Tal nome refere-se ao vale de Hinom, localizado ao sul de Jerusalém, local este, segundo a tradição judaica, onde os jebuseus e os habitantes idólatras de Jerusalém sacrificavam seus filhos ao deus Moloque, e onde os condenados eram executados. Jeremias o denominou de “vale da matança”: “Portanto, eis que vêm dias, diz o Senhor, em que não se chamará mais Tofete (lugar de fogo), nem Vale do Filho de Hinom, mas o Vale da Matança” (Jr. 7:32). Especificamente, na Bíblia, o inferno é representado de várias maneiras, tais como: *castigo eterno, fogo eterno, chamas eternas, fornalha acesa, lago de fogo e enxofre, fogo devorador, lugar de tormento, sorte dos ímpios* etc.

Mas o inferno não é um assunto restrito aos livros sagrados. A Literatura de um modo geral aproveitou-se muito bem dele, nos legando verdadeiros clássicos, como a “Divina Comédia”, do qual se insere o famoso “Inferno de Dante”, que é descrito contendo nove círculos de sofrimento localizados no centro da Terra. No âmbito da Língua Portuguesa podemos citar a famosa peça “O Auto da Barca do Inferno”, escrita pelo grande dramaturgo português Gil Vicente, representada em 1517, na qual é mostrada a chegada ao inferno das almas de um fidalgo, de um frade e de quatro cavaleiros. Na pintura há também inúmeros exemplos voltados à morada do capeta, em especial na Idade Média, época em que o pavor pelo inferno atingia o nível da obsessão patológica.

Embora o inferno não seja exclusividade da doutrina cristã, nesta ele se finca de forma definitiva, tornando-se parte dos estatutos doutrinários de todas suas ramificações ao longo dos séculos. Segundo o Catecismo da Igreja católica: “As almas dos que morrem em estado de pecado mortal descem imediatamente após a morte aos infernos, onde sofrem as penas do Inferno, o fogo eterno”. Na doutrina protestante tradicional as interpretações do inferno são variadas, abrangendo desde o fogo eterno ao aniquilamento total dos condenados, como é o caso da Igreja Adventista do Sétimo Dia e das Testemunhas de Jeová. Para a doutrina espírita, o inferno é apenas um estado de consciência vivenciado por pessoas cujos comportamentos e sentimentos ruins sobressaem em suas personalidades, e as quais poderão através de sucessivas experiências encarnatórias alcançar também a perfeição. Já em relação aos evangélicos pentecostais, em geral acreditam que as almas do que morrerem perdidos irão automaticamente para o inferno, onde aguardarão o julgamento final, sendo o sofrimento ali eterno. Entre todos os grupos da linhagem evangélica, são estes os mais intransigentes e inflexíveis quanto à condenação dos que não “aceitarem Jesus”. Em seus cultos, é de hábito enfatizar-se aquelas passagens bíblicas que discorrem sobre o fogo eterno, alertando sobre a necessidade de se manter “vigilante” para não ficar sujeito às labaredas eternas, as quais não tem começo nem fim. Também é comum testemunhos ou depoimentos de pessoas que tiveram experiências espirituais de

verdadeiras viagens ao inferno, algo semelhante ao que Dante Alighieri narrou em sua obra "A Divina Comédia". Kenneth E. Hagin, fundador da Teologia da Prosperidade, foi um dos que, assim como Virgílio, adentrou aos portões infernais. Em seu livro "Fui ao Inferno" relata: "Desci até a escuridão envolver-me, e as luzes se extinguírem. Quanto mais eu descia, mais quente e escuro ficava. Até que cheguei ao fundo do abismo e vi a entrada para o inferno, ou os portões, como chamo. Tive consciência de que aquela criatura havia-me encontrado." Outro livro do mesmo viés e que faz enorme sucesso entre o público evangélico tem o título de "A Divina Revelação do Inferno", de Mary K. Baxter, que conta em detalhes sua passagem pelas regiões das trevas. Escreve ela: "Ao longo do caminho, passamos por muitas, muitas almas queimando no inferno. Por toda a estrada estendendo para Jesus. Onde a carne devia estar, só havia ossos, — uma massa cinzenta com carne queimando e em decomposição. Dentro de cada forma esquelética tinha uma névoa de alma suja cinzenta, vivendo para sempre dentro de um esqueleto seco. Eu podia ver pelos seus gritos, que eles sentiam o fogo, os vermes, a dor e a desesperança. Seus gritos enchiam a minha alma de uma dor tão grande, que nem posso descrever. Se eles pelo menos tivessem escutado, pensei, eles não estariam ali." E, por fim, faço menção do testemunho de uma garota chamada Jennifer Perez, "que morreu de overdose aos 15 anos", após abandonar à igreja. Em transcrição traduzida de seu depoimento em vídeo, há o seguinte e tenebroso relato: "O anjo Gabriel me agarrou por um dos braços e me levou em direção daquela porta horrível, que eu não queria nem olhar. Tentei parar, mas eu estava em espírito, e o anjo me levou a força. Entramos. Do outro lado daquela porta, era uma escuridão total. Eu não conseguia nem enxergar a mim mesma. Então, começamos a descer, numa velocidade muito rápida, como numa montanha-russa. À medida que descíamos, o calor ia ficando cada vez mais forte. Fechei meus olhos, pois eu não queria ver onde estávamos. Quando paramos, o anjo disse para eu abrir os olhos e que aquele era o meu novo lugar. Vi que eu estava numa grande estrada, mas eu não sabia onde ela iria dar. A primeira coisa que senti quando cheguei àquele lugar foi sede. Muita sede. Eu não parava de dizer para o anjo: Estou com sede! Estou com sede!" Mas era como se ele não estivesse me ouvindo. Comecei a chorar.

Assim que as lágrimas caíam, elas evaporavam por completo. Havia um cheiro de enxofre, como se estivessem queimando pneus. Tentei tapar o nariz, mas o cheiro se tornava pior quando eu fazia isso. Os pelos dos meus braços desapareceram. Todos os meus cinco sentidos estavam muito mais apurados. Eu sentia muito calor, aquele lugar era muito quente. Comecei a olhar ao meu redor e vi pessoas sendo atormentadas por demônios. Havia uma mulher sofrendo, em tormentos. Um demônio cortou a cabeça dela e cravava uma comprida lança em todo o corpo daquela mulher. Ele não tinha piedade. Ele cravava a lança nos olhos, nos pés, nas mãos, em todas as partes do corpo. Depois, ele punha a cabeça de volta no corpo dela e começava a cravar-lhe a lança de novo, sem parar. Os gritos dela eram de agonia e dor. Eu tapava os ouvidos, mas não adiantava. Percebi que não saía sangue quando aquele demônio cortava a cabeça daquela mulher, porque ela estava em espírito, e o espírito é eterno”.

É importante salientar que os relatos de ida ao inferno não são um fenômeno recente, restrito à vertente Pentecostal. Em sua obra “O imaginário medieval”, o historiador Le Jacques Goff afirma que eram comum, na Idade Média, essas viagens ao além. Durante o vasto período medieval europeu, a atmosfera estava repleta de demônios; entre as pessoas andavam grandes legiões de espíritos diabólicos, cuja missão era atrair os indefesos para as mais terríveis perdições.

Interessante observar que o medo do diabo tem se alterado ao longo dos anos conforme se modificam as representações sociais em suas respectivas localidades. Em sua tese de mestrado “As Representações do diabo no Imaginário dos Fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus”, Pedro Antônio Chagas Cáceres destaca que as representações sociais do século XI, na Europa, não foram as mesmas dos séculos seguintes, e não podemos dizer que as representações e os medos do diabo na atualidade sejam os mesmos do século XIX. Tais representações se alteram na medida em que fazem parte de outros grupos sociais, pertencentes ao mesmo contexto histórico. Certamente os medos e as representações dos romanos invasores eram totalmente diferentes das representações e medos dos judeus subjugados. O que hoje não ameaça, amanhã pode

corromper; o que ontem curou, amanhã pode matar; o que salva, pode condenar. Dessa forma, a humanidade caminha representando sempre um novo mundo, se livrando de antigos medos e constituindo outros. Mencionando o livro “O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente”, do historiador Jean Delumeau, afirma que, conforme se agravam as crises, o diabo se tornava mais horrível e cruel. As representações artísticas, literárias, teatrais ganharam ares sombrios e tenebrosos nos séculos XIV e XV. A *Guerra dos Cem Anos* (1337-1453) entre França e Inglaterra, a Peste Negra, entre 1346 e 1353, epidemia causada por bactérias (Peste Bubônica), originárias do Oriente, dizimou mais de um terço da população europeia, estimada, na época, em oitenta milhões. Tais tempestades sombrias somaram-se aos conflitos sociais e à fome que mataram outros milhares. Esses abalos contribuíram para a transformação negativa das representações do homem europeu. O medo se alastrou pelas cidades e campos e o Diabo se tornou muito mais feio e terrivelmente forte; o fim estava próximo.

Embora o medo exacerbado do inferno e do diabo seja uma característica intrínseca a todas as religiões ocidentais, especialmente aquelas de origem cristã, no pentecostalismo ele assume proporções ainda maiores e com cores bem mais avivadas. A maneira afetada, por vezes solene ou empolada, de descreverem cada escaninho do inferno, transformou-se numa poderosa ferramenta para a conversão do maior número possível de pecadores. Imprecações, alertas e vociferações veementes fazem parte da rotina diárias dos cultos, das pregações, das mensagens radiofônicas e televisivas, dos folhetos, dos periódicos, dos livros e das muitas páginas da Internet. Buscam assim, através do temor, manter o maior número possível de almas cativas às suas doutrinas. Essa constante sensação de ameaça, do receio do inferno e da imprevisibilidade da morte, costuma culminar em atitudes extremistas e na intolerância, além de ser a causa de sérios transtornos de natureza psicológica. O fundamentalismo, em sua essência, é resultado do excesso de medo e do desejo do pensamento único. Em vez do amor voluntário e descompromissado a Deus, o processo de conversão fica assim norteado pelo interesse, seja para evitar o inferno, seja para alcançar os céus. É o

grande paradoxo da fé cristã, que deveria se guiar exclusivamente pelo amor, deliberadamente pelo amor.

É isso!

A VOZ DO BRASIL OU A VOZ DOS POLÍTICOS?

Com o tema da ópera “O Guarani”, de Carlos Gomes, foi instituído no dia 22 de Julho de 1935, o programa “Hora do Brasil”, com a finalidade de divulgar as realizações do governo de Getúlio Vargas. No dia 6 de setembro de 1946, sendo Presidente o general Eurico Gaspar Dutra, o programa teve seu nome alterado para “A Voz do Brasil”, permanecendo assim até os dias de hoje.

É fato que o surgimento de “A Voz do Brasil” esteve diretamente atrelado aos modelos do regime nazifascista vivenciados na Alemanha e na Itália, os quais exerceram grande influência na ditadura do Estado Novo. Em seu livro “A hora do clique: análise do programa de rádio Voz do Brasil da Velha à Nova República”, Lilian Maria F. de Lima Perosa confirma esta assertiva com as seguintes palavras: “Tais expectativas em relação ao programa não envolveram qualquer contrassenso, tendo em vista que a inspiração maior que engendrou à Hora do Brasil foi a dos modelos de comunicação de massa recém-descobertos pelos regimes nazifascistas que se instalaram e se fortaleceram na Europa, naquele período”.

Embora passados longos anos desde sua criação, “A Voz do Brasil” continua sendo o mesmo instrumento de manipulação, servindo exclusivamente aos interesses políticos de quem está no poder. A sua persistência em pleno século XXI não pode ser entendida de outra forma, sem que se leve em conta a vontade da nossa elite política em continuar encontrando muitas cabeças para enfiar seus velhos cabrestos ideológicos, dominando as massas e subjugando-as segundo seus propósitos eleitoreiros.

Não há, pois, nenhuma justificativa de fato incisiva para a manutenção dessa excrescência ditatorial em nossos dias. Ao afirmar que o objetivo “é levar informação aos cidadãos dos mais distantes pontos do país”, não se diz absolutamente nada, afinal, que tipo de informação?

Óbvio: a “informação” que eles acreditam ser importantes para os cidadãos. Ou seja, nada de novo desde 1935.

Num instante da história em que modernos mecanismos de comunicação proliferam como vírus em todo o corpo territorial de qualquer país, não há justificativas racionalmente plausíveis para a existência de um programa como “A Voz do Brasil”. Tratam-nos como seres humanos na fase da infância, os quais necessitam a todo o tempo de orientação para seguir bem na vida.

“A Voz do Brasil” está bem longe de ser a voz dos brasileiros. Em vez disso, porém, é a voz dos políticos brasileiros, com suas manhas, artimanhas e barganhas. E se tem sido assim por tantos anos, é porque ainda é grande o seu rebanho.

É isso!

O MITO DO “VOTO CONSCIENTE”

“Voto não tem preço, tem consequência”, alertavam campanhas publicitárias em eleições passadas.

Sempre que se aproxima o período eleitoral no Brasil, torna-se vulgar o emprego de expressões do tipo: “Vote consciente”, “Vote corretamente”, “Vote com responsabilidade”, “Vote limpo” etc. Dizem alguns que o combate à corrupção começa com um “voto consciente e responsável”. Mas, afinal, de que se trata exatamente o tal famigerado “voto consciente”? Pode-se realmente falar em “voto consciente” num país onde a consciência dos que vão ser eleitos fica escancaradamente restrita aos seus próprios interesses e ambições? Será mesmo que o voto exercido mediante um conhecimento crítico e cuidadoso do candidato, oferece alguma segurança quanto ao seu comportamento ético durante o período de exercício do mandato eleitoral?

Confesso que acreditei com afinco durante vinte anos nesse engodo midiático. Desde o meu primeiro voto sempre tive em conta que o “bom” uso da “urna” seria suficiente para mudar a cara Brasil. Ledo engano!

Desde a primeira eleição direta para presidente ocorrida em 1989, quando foi eleito Fernando Collor, nada se alterou no Brasil quanto à responsabilidade ética dos nossos candidatos. A corrupção manteve-se durante esse tempo como parte intrínseca e visceral da cultura política dos nossos supostos representantes.

A despeito das exaltadas campanhas em prol da integridade moral dos candidatos a cargos públicos, o fato é que os nossos políticos continuam surrupiando religiosamente o dinheiro do povo, mantendo assim um legado de promiscuidade que remonta aos antigos tempos da colonização. Enquanto isso permanece a utópica esperança de que o Brasil pode mudar através do “voto consciente”. Bom para os políticos!

Ora, para se crer que o voto tenha realmente a virtude de mudar os rumos da nossa nação, deveríamos partir do pressuposto de que os políticos eleitos legitimamente por meio do tal “voto consciente” fariam jus à confiança neles depositada, o que nunca ocorreu. Portanto, o “voto consciente” dilui na utopia pela simples ausência de alternativas. Seja qual for o candidato, a corrupção continuará como uma gangrena incurável, pelo menos mediante os métodos “tradicionais” de que dispomos.

Quando se fala em “votar corretamente” parte-se do princípio de que determinado candidato, quando eleito, terá plenas condições para atuar na transformação política e social da nação. Todavia, a realidade tem mostrado que os interesses políticos, por uma “peculiaridade” própria do Brasil, propagam-se como um vírus altamente contagioso. Tão logo sentem o “gostinho” do poder e passam a fazer parte deste “jogo”, escarram na própria boca em que beijaram, rindo até cuspirem o fígado daqueles que os elegeram “conscientemente”. Sim, pois como bem disse alguém: "A corrupção não é uma invenção brasileira, mas a impunidade é uma coisa muito nossa."

É isso!

OS DEFENSORES DE DEUS

Li tempos atrás que o pastor e Deputado Federal Marco Feliciano, ofendido com a divulgação de um vídeo da natureza humorística, conclamou seus admiradores a denunciarem a película de humor, sob a alegação de que esta denegria a fé cristã. Além disso, o religioso decidiu mover também uma ação judicial contra os seus idealizadores, baseada, segundo ele, no artigo 208 do *Código Penal Brasileiro*, o qual constitui como crime “vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso”.

Sem entrar no mérito jurídico, chama a atenção o excesso de zelo comumente demonstrado por religiosos em episódios como este, quando na “defesa de suas crenças”. Trata-se de um fenômeno tão antigo quanto à própria origem da religião. Especificamente no que diz respeito à cristandade, a luta contra “os inimigos da fé” surgiu e floresceu juntamente com sua oficialidade, quando passou de perseguida a perseguidora, sob o amparo das novas Leis de Roma.

As *Cruzadas* são exemplares neste aspecto. Quando Pedro o Eremita retornou de uma romaria que fizera a Jerusalém proclamou com grandes exageros os sofrimentos que supostamente teriam sido vítimas os cristãos no Oriente, afirmando que era necessário resgatar o túmulo do Senhor e os lugares que ele havia santificado, os quais estavam sob poder dos “infiéis”. O resultado consta nos anais da História, com um número incalculável de vítimas dos “defensores de Deus”.

O Tribunal da Inquisição é outro caso que aponta de certa forma para esta mesma direção. Sob o pretexto de preservar a fé cristã das heresias diabólicas e mundanas, os tais “defensores de Deus” torturaram e sentenciaram à morte uma variedade imensa de pessoas, ignorando a essência dos ensinamentos de Cristo: o amor.

Muitos outros eventos poderiam ser citados. Lembro de um caso ocorrido em 1988, quando muitos cinemas foram queimados em consequência da exibição do filme “A Última Tentação de Cristo”,

dirigido por Martin Scorsese. Por hábito próprio, os “defensores de Deus” utilizaram como argumento a defesa da fé.

Ainda no âmbito cinematográfico, faço menção do filme "Anjos e Demônios", lançado em 2009 e dirigido por Ron Howard com base na obra homônima de Dan Brown. A Igreja, ofendida em seus princípios, reagiu como de praxe: condenou o filme, pedindo aos fiéis que o boicotassem.

Todavia, faz-se mister ressaltar, porém, que este tipo de reação não é exclusividade da religião cristã. Em outros ares teológicos, tais comportamentos seguem o mesmo padrão. Um exemplo típico refere-se ao livro "Os Versos Satânicos", de Salman Rushdie, lançado em 1989, o qual provocou a ira de muçulmanos do mundo todo, levando o escritor a viver na clandestinidade sob constante ameaça de morte.

Outros exemplos poderiam ser citados, esses no entanto são suficientes para fazer suscitar algumas pertinentes indagações, levando em conta o aspecto puramente teológico da fé cristã, em especial.

Segundo os Evangelhos, quando Jesus estava prestes a ser preso, um dos seus discípulos, sacando da espada golpeou e decepou a orelha do servo do sumo sacerdote. Cristo repreendeu o agressor com as seguintes palavras: “Acaso pensas que não posso rogar ao meu pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos?”

Ora, afinal, em que se baseia a fé desses exaltados “defensores de Deus”? Em que tipo de divindade eles de fato acreditam, se necessitam a todo custo defendê-la dos atos humanos? Será realmente que estão defendendo a Deus ou a seus brios inebriados de hesitações e incertezas? Por que todo esse imperativo de buscar fazer justiça em nome de Deus, se este, por seus próprios atributos, seria capaz de aniquilar o mundo inteiro com apenas um sopro?

Na ausência de uma resposta razoável, tem-se a impressão de que o deus em que creem seja um ser indefeso, que necessita

desesperadamente de seus atos de proteção, o que, de certo modo, remete a uma contradição, se não teológica, ao menos de lógica.

É isso!

O FUNK NA TERRA DO NUNCA

Em seu "Manifesto da Terra do Nunca", o cantor e compositor Lobão escreve que, dos gêneros musicais cultivados no Brasil, o *funk*, especificamente o carioca, é "o mais genuíno estilo que o morro produz hoje em dia". Embora do lado daqueles que entendem o *funk* como um gênero musical "grotesco, sexista, violento, obsceno, com letras horríveis e articulação gramatical que beira a dialetos neolíticos", o também escritor destaca o fato de que o *funk*, em contraposição "à MPB de segunda, ao pagode de terceira, ao forró de quarta e ao sertanejo de última", ainda não foi reciclado, reinventado, regurgitado, nem muito menos aprovado pelo intelectual de esquerda.

O debate em torno do *funk* não é de hoje, e Lobão não é o único a abordar o assunto pelo viés do confronto com os outros estilos musicais.

Desde seus primórdios nos anos 70, o *funk*, com suas características tupiniquins dos morros e das favelas, tem sido veementemente atacado, rotulado, estigmatizado e condenado, especialmente pela chamada "elite musical brasileira", a quem Lobão denomina de "intelectualidade de esquerda". Segundo o roqueiro carioca: "o funk, com toda a sua decantada precariedade estético-literária, dá de mil a zero em qualquer grife universitária musical por justamente não ter esse filtro idiota e pretensioso do carola estatizado". Acrescentando que as demais grifes musicais "são miseravelmente piores e muito mais indecentes que o *funk*, com todas aquelas reboladas arreganhadamente erotizadas, pois são postiças, feitas por pessoas postiças, direcionadas por uma doutrina culturalista postiça, logo, incapazes de possuir a mínima condição de se estabelecer como uma cultura fruto de uma real experiência de vida."

Obviamente que é possível discordar em muitos pontos da crítica de Lobão aos tais "intelectuais de esquerda", todavia, não há como divergir dele no que concerne à hipocrisia daqueles que atacam o *funk* pelo seu aspecto promíscuo, mas que, aos seus modos "chiques e perfumados", perambulam pela mesma beirada da baixaria.

O *funk*, assim como qualquer outro gênero musical, os quais, por exemplo, apresentam a mulher como uma “cadela no cio”, e que exibem suas bundas em saracoteios humilhantes, seguem pelo mesmo esgoto da mais decadente cultura. A questão não é, portanto, o gênero ou estilo em si, mas a maneira como fazem uso deles. O cara que me tira o sono com o “Lec, Lec, Lec”, costuma ser o mesmo que trucidou meu cérebro com o “Vidro Fumê!”

Se tomarmos puramente como referência a “excelência” de suas letras ou as “qualidades semânticas” que se inserem nelas, concluiremos sem muita dificuldade que o *funk*, assim como o tal sertanejo universitário, tem ambos a mesma profundidade de um pires.

Lembrando que o samba, que hoje faz parte da nossa “boa grife intelectual”, em outros tempos fora duramente estigmatizado como sendo “música de marginal”, além de receber muitos outros rótulos, todos de natureza pejorativa.

Em geral, quando se tece crítica ou se condena um determinado estilo musical, faz-se isso tendo como base aquilo que pretensiosamente se toma como “o melhor” ou “o mais refinado”, a partir do mundo de quem aponta os “defeitos”. Em outras palavras, criticamos aquilo que não gostamos. Sim, porque música é essencialmente “gosto”, que é como bunda: cada um tem a sua.

E viva Luiz Gonzaga, o nosso rei do baião!!!

É isso!

OS "FAST-FOOD" DA FÉ

“Alguns, entre os quais o João Pintor, justificam frequentar os ‘bíblis’, porque estes – dizia ele – não era como os padres, que para tudo, querem dinheiro.”

Lima Barreto: *Clara dos Anjos*

Quando o nosso grande escritor Lima Barreto compôs sua obra “Clara dos Anjos”, em 1922, os protestantes eram chamados pejorativamente de os “bíblis”. Embora o catolicismo não fosse mais religião oficial do Brasil (os republicanos deram um basta na oficialidade desse privilégio religioso), os “bíblis” ainda eram uma minoria irrisória, os quais, em sua maioria, estavam ligados às vertentes Metodista, Batista e Presbiteriana. A Igreja Romana ainda exercia forte pressão contra as demais religiões, principalmente contra esses tais “bíblis”, os quais frequentemente eram coagidos a abandonar sua fé, ao mesmo tempo em que eram acusados de práticas heréticas. Ser um “bíblia” era opor-se ao pensamento religioso dominante. Significava, portanto, estar à margem da verdadeira fé cristã, obviamente a católica apostólica romana.

O fim da hegemonia católica significou a abertura para novas formas de manifestações religiosas. Em 1910, por exemplo, Gunnar Vingren e Daniel Berg, dois missionários suecos, fundaram a Igreja Assembleia de Deus, dando início ao movimento Pentecostal no Brasil. A partir daí os protestantes começaram a ramificar-se em distintas denominações, que arrastaram para si uma boa parcela dos adeptos do catolicismo. Já na década de 70 apareceu por aqui o chamado *neopentecostalismo*, oriundo, principalmente, das tradicionais igrejas evangélicas. Esse movimento destacou-se pela ênfase dada aos benefícios materiais que poderiam advir da fé, daí ser conhecido também como “movimento da fé”. Seus principais expoentes no Brasil foram: Edir Macedo, R. R. Soares, Jorge Tadeu, Valnice Milhomes, Estevam Hernandes, Silas Malafaia, entre outros, a maioria dos quais “inspirados” em líderes religiosos americanos como Benny Hinn, Kenneth Hagin, T. L. Osborn, Fred Price, Hobart Freeman, Charles Capps, Jerry Savelle, John Osteen, Lester Sumrall etc. Em seu livro “Super Crentes”, o teólogo Paulo Romeiro,

sintetiza a ideologia desses pregadores da seguinte forma: “Seus líderes apregoam que os humanos possuem a natureza divina, que consultar médicos ou tomar remédios é pouco recomendável para o cristão, que Jesus foi milionário e que a soberania de Deus é limitada pela vontade humana”.

Outra característica, e essa seja talvez a mais realçada entre todas, diz respeito à questão financeira, ao “vil metal”. A famigerada Teologia da Prosperidade, que rege o movimento, tornou-se numa eficientíssima ferramenta de enriquecimento por intermédio da exploração da fé alheia. Muitos desses líderes construíram verdadeiros impérios financeiros, como o famoso caso do proprietário da Rede Record de televisão, que já abriu “franquias” de suas “fábricas da fé” por diversas partes do globo, inclusive na Europa. A chantagem emocional nos cultos, com a qual se oferece o “melhor dos mundos” (bom emprego, saúde, carro do ano, mulheres e maridos fiéis e dedicados etc.) aos que se “comprometem com Deus”, cada vez mais requinta-se, transformando-se numa poderosa arma publicitária para fazer lotar ainda mais os seus templos. A mais recente moda, agora, chama-se “trízimo”: 10% para o pai, 10% para o filho e 10% para o espírito santo. Quanto mais no “fundo do poço” encontra-se uma pessoa, mais suscetível ela se torna aos clamorosos apelos desses gananciosos pregadores. Em seus cultos poucas passagens bíblicas são tão repetidas quanto o “trazei o dízimo”, que aparece no Antigo Testamento da Bíblia. O motivo parece óbvio, afinal, é com esses dízimos suados dos “irmãos” que eles ostentam seus luxos e mantêm suas boas vidas. “Mas não obrigamos ninguém a dar o dízimo”, dizem eles em seus melhores papéis de autores. Todavia, se para ter meus problemas financeiros resolvidos ou se para ter a cura para minha enfermidade, eu preciso oferecer o “meu melhor” para Deus, neste caso, a “obrigatoriedade” explicita-se sob a forma de extorsão espiritual”. Ninguém que, frequentando habitualmente uma dessas igrejas, e que, ouvindo assiduamente acerca dos “maravilhosos benefícios” advindos do ato de dar, há de permanecer inerte a tão exaltados apelos. A consciência fragilizada dessa pessoa fatalmente será adestrada sob fervorosos gritos de glória a Deus e aleluias.

Enquanto isso, o “ungido de Deus” viaja confortavelmente em seu jatinho particular e manda seus abençoados filhos para estudar na terra do Tio Sam, de onde retornarão doutores e, quiçá, prontos para seguir os mesmos e prósperos passos do pai.

É isso!

O QUE REALMENTE NOS INTERESSA

Recentemente foi aprovada, sob os aplausos dos empresários e com o estardalhaço da mídia, a famigerada "Reforma da Previdência". Políticos mamadores do dinheiro público, jornalistas bajuladores e ingênuos úteis bateram palmas e espocaram champanhe para comemorar tão extraordinária "façanha". Animados, agora eles falam em outras reformas. Querem mexer nos direitos trabalhistas e ampliar ainda mais os lucros com os impostos. Enquanto isso, como não poderia ser de outra forma, jogam para debaixo do tapete da vigarice a reforma pela qual de fato todo cidadão brasileiro tanto anseia, qual seja: a reforma política.

Por que, afinal, pouco se fala em acabar de uma vez por todas com o rosário de privilégios acumulados por esta casta que, no sistema atual, pouco faz para o bem do Brasil, senão em legislar em causa própria, ampliando paulatinamente as benesses advindas do dinheiro do povo? O fundo partidário (modificado recentemente) não me deixa mentir.

Por que não ampliar a discussão acerca do fim das malditas "cotas", com as quais esses sanguessugas do "sangue público" desfrutam de carros de luxo, auxílio moradia e alimentação, roupas, cartões de crédito, *IPhones*, assinaturas de periódicos, passagens aéreas, entre tantas outras regalias?

Por que não atacar com toda energia a tal "verba de gabinete", com a qual o dinheiro do povo é usado para bancar salários altíssimos de até 25 funcionários para cada Deputado Federal?

Por que não escancarar com exaustão os vergonhosos "salários extras", que os fazem acumular até 15 salários anuais?

Por que não tratar aberta e exaustivamente a infame "verba do paletó", que faz com que cada Deputado receba duas parcelas iguais ao salário no começo e no fim do mandato para ajuda de custo na aquisição de terno e gravata?

Por que não expor ao escrutínio público o vergonhoso "auxílio saúde", com o qual os congressistas podem recorrer a qualquer centro de saúde, de qualquer local do país ou do exterior, contando ainda com reembolso de todos os gastos relacionados a tratamentos médicos, inclusive para seus dependentes?

Por que não dar uma basta na mamata dos ex-presidentes da República, os quais mesmo atrás das grades podem contar com dois veículos, além de dois servidores, sendo dois assessores, dois motoristas e quatro servidores para segurança e apoio pessoal?

Por que não discutir e exigir a redução do número de vereadores e deputados, os quais em tão grande quantidade apenas fazem elevar sobremaneira os gastos públicos, para tão poucos resultados práticos?

Por que não se impor com vigor a fim de que deputados e senadores tenham jornadas de trabalho como qualquer outro cidadão brasileiro, exercendo suas atividades todos os dias da semana?

Por que não atacar de frente o obsceno "Fundo Partidário", com o qual o dinheiro do povo é utilizado para bancar projetos de vida de pessoas com as quais não temos a menor identificação ideológica?

Enfim, por que se fala tanto em reforma da previdência, reforma tributária, reforma trabalhista etc., e pouco se enfatiza a tão essencial e urgente reforma política, com a qual possa ser possível, se não acabar completamente, ao menos reduzir de maneira drástica toda essa ladroeira oficializada?

É isso!

5 RAZÕES PARA VOTAR NULO

O sistema político brasileiro atual é bem semelhante ao nosso sistema carcerário: botamos um ladrão de galinha lá, e ele sairá um perito em roubo a banco.

Iba Mendes

1 - UMA QUESTÃO DE CONSCIÊNCIA

Se em minha consciência o sistema político brasileiro é altamente propenso à corrupção, e se a realidade me mostra que a simples substituição dos atores não muda o enredo da peça, neste caso eu deveria me abster de votar. Ora, que tipo de consciência é a minha que fica indignada com a corrupção, mas que não se constrange em votar em candidatos a corruptos? Ninguém que preserva em si um pouco de dignidade moral deveria votar num potencial ladrão... Sim, pois, reclamamos da ladroagem e nos revoltamos com a roubalheira na nossa política, mas ignoramos, sem o menor senso do pudor, que eles estão lá exatamente porque os elegemos.

Dirá então alguém: Mas nem todo político é ladrão!!!

Sim, é verdade!

Certamente deve haver um ou outro político que não se deixou corromper e que ainda não entregou sua alma a empreiteiros gananciosos; todavia, pela própria forma como se organiza a política vigente, tal homem público apenas serve de álibi para a manutenção desta estrutura podre e devassa. É bem verdade que em todo ofício ou ocupação há maus profissionais, contudo, esses são sempre a exceção; na política, ao contrário, a exceção são justamente os bons, os honestos, os que de fato fazem da política o que ela deveria ser, ou seja: a ciência da boa organização, direção e administração de nações ou Estados. No Brasil, o sentimento de impunidade aliado aos meios de acesso à corrupção, transforma potencialmente um cidadão honesto num político corrupto. Ademais, supondo que uma "Madre Teresa de Calcutá" seja

eleita, o fato é que, mesma esta, se não roubar, ainda assim estará inserida num sistema de vantagens e privilégios, em que se incluem verbas e nomeações de amigos e apoiadores etc. Em outras palavras, o sistema político em vigor, além de ser um grande facilitador da corrupção, é, também, uma fonte abundante de regalias, algo que nenhum cidadão poderá usufruir ao longo de toda sua vida.

Perguntará ainda outrem: Mas o voto nulo vai resolver o problema?

Não! O voto nulo não tem esta finalidade.

Quando votamos nulo demonstramos com clareza que não estamos satisfeitos com a maneira atual de se fazer política no Brasil, e que exigimos mudanças mais profundas, com mais rigor à impunidade e mais controle às ações dos políticos. O voto nulo é uma das maneiras de o cidadão manifestar sua repulsa, não à política em si, mas ao modo como ele é exercida em nosso país. É, portanto, uma forma de ação política.

Um entusiasmado eleitor poderá, enfim, argumentar que ao votar nulo a pessoa estará favorecendo os candidatos corruptos, os quais serão beneficiados com os votos das pessoas menos esclarecidas, que os colocarão no poder etc. O argumento, entretanto, ignora que o sistema político brasileiro (no qual estão incluídas todas as leis que protegem os políticos, bem como todas as regalias que fazem destes uma casta privilegiada entre nós) não será mudado por um pequeno grupo de honestos eleitos, uma vez que as mudanças sempre exigirão o voto da maioria dos parlamentares, os quais são notadamente corruptos e contrários às mudanças. Sem a constante e participativa pressão da sociedade, o que inclui o boicote pelo voto nulo, o resultado será sempre o mesmo, o que pode ser atestado pelo próprio histórico eleitoral do país.

2 - UMA FORMA DE PRESSÃO

No âmbito do consumo, o boicote já se mostrou altamente eficaz,

levando muitos comerciantes e indústrias a mudarem suas condutas e melhorarem seus produtos e serviços. Quando votamos nulo, anunciamos em alto e bom som que o “produto” político brasileiro que nos é oferecido está em péssimas condições e que precisa ser melhorado. Não podemos nos conformar com esta estrutura política de conveniências, em que os interesses pessoais e partidários de políticos permanecem acima dos interesses da coletividade. Não podemos tolerar uma estrutura em que as leis que beneficiam os agentes públicos sejam feitas e aprovadas por eles mesmos, sem qualquer consulta popular. Um exemplo emblemático refere-se ao famigerado “Foro Privilegiado”, inserido na Constituição Republicana do remoto ano de 1891 e ampliado pelos políticos na última Constituição de 1988, entre tantos outros...

3 - UMA EXIGÊNCIA AO VOTO FACULTATIVO

Nas últimas eleições uma campanha do TSE ostentava para si o pomposo slogan de "O Tribunal da Democracia". Ora, que tipo de Democracia é essa que obriga um cidadão a deixar sua casa, contra sua própria vontade, para votar? A incoerência e de uma proporção tão absurda que transforma o sentido de "democracia" exatamente no seu oposto, ou seja: "ditadura". Enquanto o voto facultativo é preceito essencial nos países desenvolvidos, o voto obrigatório é característica típica de países autoritários. O voto obrigatório, no Brasil, é um dos muitos resquícios de leis restritivas que ainda prevalecem. É o que sobrou do velho sistema coronelista, sob uma nova roupagem. Antes tínhamos o voto de cabresto, hoje temos o voto obrigatório. Na prática, portanto, o voto obrigatório, que teve a chancela do ditador Getúlio Vargas, nada mais é do que uma forma de controle das massas, interessante apenas a políticos que, a depender das consciências livres e pensantes, jamais alçariam ao poder.

4 - UMA DEMONSTRAÇÃO DE DESPREZO

É comum entre os que se opõem ao voto nulo argumentarem que votando assim a pessoa estará "desperdiçando seu voto", como se o simples ato de votar fosse em si mesmo uma ação proveitosa ou benéfica

para a sociedade. Ora, qual tem sido, afinal, o resultado prático dos nossos votos ao longo de toda essa democracia? Mesmo supondo que o candidato escolhido seja aparentemente honesto, ainda assim e em termos funcionais, o que resultou disso para a melhoria da ética na nossa política? Nada! E por uma razão basilar e própria da cultura política brasileira: o que interessa para o candidato é tirar vantagens pessoais e políticas da sua candidatura. Da forma como as leis funcionam para os políticos, pelo o modo como eles são punidos e pela facilidade de se deixarem corromper, mesmo o “honesto” não costuma resistir ao primeiro “olhar bondoso” de um empreiteiro. Sim, pois: o sistema político brasileiro atual é bem semelhante ao nosso sistema carcerário: botamos um ladrão de galinha lá, e ele sairá um perito em roubo a banco. Quando votamos nulo mostramos o nosso desprezo pela forma como se faz política aqui e, conseqüentemente, exigimos mudanças claras no modo de se punir aqueles que cospem nas caras de seus próprios eleitores, os quais não honram a função que ocupam, nem estão nem um pouco preocupados com o verdadeiro desenvolvimento do país.

5 - UMA OPÇÃO E NADA MAIS

Além de qualquer argumento contra ou a favor, o voto nulo pode ser apenas uma opção de quem não se interessa por política, seja por alienação, seja por indiferença, seja enfim, pela simples liberdade de não votar, sem qualquer razão ou motivo. É assim que funciona uma verdadeira Democracia.

É isso!



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com